

No 25 de Abril, nacionalizar bancos cheios de dinheiro fazia sentido. Agora bancos falidos?!

O Constâncio representa a ideia de que um homem feio, mirrado e com óculos, é inteligente

ria poupado ou trucidado?

M.S.: Eu acho que seria obrigatório que ele fosse trucidado.

R.Z.: Calma aí, que isto está a ser gravado... Seria poupado.

M.E.C.: O Sócrates tem uma coisa boa, que é ser muito sensível à crítica. É irascível. Isso é muito bom, porque qualquer coisa que se diga, ele amua... Portanto, seria uma ótima vítima.

Rui, como é que um homem de esquerda vê estas nacionalizações na banca?

R.Z.: Responde tu, Manel... (Risos). Eu via melhor se tivesse comprado ações suficientes nos bancos nacionalizados... O que tenho pena é de não ter tido visão para isso. Senão, não tinha que estar aqui a participar com estes dois palhaços... Esta coisa de ser de esquerda... A única pessoa em Portugal que era de esquerda era o Álvaro Cunhal, que tinha uma visão, um programa. Fora isso, andamos, bem à portuguesa, a apanhar um bocadinho daqui e dali.

Ainda há pouco tempo a ex-deputada Odete Santos disse, a propósito das nacionalizações, que afinal quem tinha razão era a esquerda...

R.Z.: Eu sou de esquerda e nunca achei que isso tivesse alguma coisa que ver com nacionalizações, mas sim com regras mínimas de distribuição de um certo bem-estar. Aliás, ando a tentar fundar um partido com o Manuel Monteiro...

M.S.: Essa declaração da Odete Santos, que é uma senhora encantadora, mostra como a esquerda parou no tempo. E como se move por dogmas. Para a esquerda, a nacionalização é sempre boa. Na altura do 25 de Abril, nacionalizar bancos cheios de dinheiro fazia sentido, mas nacionalizar bancos falidos? Mas isso é bom para quem? Para os capitalistas, não para o povo!

R.Z.: As nacionalizações agora são para proteger os investimentos dos ricos...

E que nota dão a Vítor Constâncio, que devia supervisionar a banca?

R.Z.: Ele já tem tantas, por que é que eu lhe hei-de dar mais notas?

M.E.C.: O Constâncio é aquele tipo banana, de quem toda a gente gosta. É como uma peça de artesanato velha portuguesa. Representa um certo tempo. Coitado, ele não está à espera que os bancos vigarizem...

R.Z.: O Constâncio é uma relíquia do tempo do machismo. Representa a ideia que um homem, desde que seja feio, mirrado e tenha óculos grossos, é inteligente... Ele é a prova disso. O tipo tem óculos, tem uma testa grande, tem um ar sisudo e zangado, parece o Woody Allen português, está calado... logo, deve ser extremamente inteligente.

M.S.: O Constâncio é uma antiguidade. Parece aquela cómoda que herdámos dos avós, e que está ali arrumada a um canto. Arranja-se sempre qualquer sítio para pôr...

M.E.C.: Ou um naperon...

Mudando para assuntos mais triviais. No livro falam bastante do silicone, como prova máxima da independência das mulheres. Eles não acham

graça nenhuma mas elas põem na mesma...

M.E.C.: Daqui a 30 anos, quando se olhar para a nossa época, o silicone vai ser como os bigodes nos filmes dos anos 70. E o Botox.. Vai ser só rir...

R.Z.: Já há empresas automóveis que fazem preços mais baratos consoante os sexos, porque se for mulher, não é preciso «airbag»...

M.E.C.: Mas as mulheres enganam-se, porque já há muita geração nova que não olha para as mamas...

M.S.: Agora são as orelhas, aquela parte atrás dos joelhos, o mindinho...

M.E.C.: O nispo!

Mas se as mulheres estão cada vez mais entre elas, como é que Portugal vai resolver o problema da falta de natalidade?

M.S.: Eu não tinha pensado nisso, mas talvez a adopção possa ser uma hipótese. Podemos fazer como com o resto: os têxteis — fazíamos cá, passámos a fazer na China. Os sapatos — fazíamos cá, passámos a fazer na Rússia. As couves — fazíamos cá, passámos a fazer em Bruxelas. Porque não os meninos — fazíamos cá, e agora passávamos a fazer na China ou na Índia?

M.E.C.: Correndo o risco de parecer tosco: a baixa natalidade portuguesa não tem a ver com a fraca produção de espermatozoides. Tem a ver com o desperdício dos espermatozoides emitidos e a pouca receptividade que lhes dão. São aos biliões por freguesia desperdiçados, quando bastaria fazer uma recolha, que não dói nada, e fazer uma reserva de portugueses, que iam nascendo, lindos, quando as pessoas se arrependessem de não terem tido filhos, aos 60.

Mas os grandes bastiões dos homens estão a cair. Que papel é que vos resta?

M.E.C.: O problema é as mulheres gostarem tanto de nós... As mulheres adoram homens, esse é o grande segredo. Têm pena, acham graça... Não vão prescindir de nós nunca...

Além de facilitar o divórcio, sugerem também que se dificulte o casamento. Mas assim é menos um papel para o homem, ou não?

M.S.: Nós defendemos que se deve dificultar sobretudo o primeiro casamento... O casamento por amor, o casamento imediato...

R.Z.: Casar por amor é a coisa mais estúpida que há.

Diz um homem casado...

R.Z.: Por isso, sei do que falo. Tomar uma decisão muito séria por meras razões afectivas é a coisa mais estúpida que há. Um casamento é como criar uma empresa. Tem de ser feito racionalmente. Não pode ser por razões de afecto... Eu não tenho que gostar dela...! Agora, o amor... O amor é uma coisa que uma pessoa faz numa sexta-feira à noite...

Queríamos desafiar-vos para umas previsões para 2009... Começamos por uma pergunta fácil. Quem vai ganhar as legislativas?

M.E.C.: Mas a sério ou a brincar...? A sério? O PS. Com maioria. Há um Bloco de Esquerda submerso, e quem está a fazer a hélice andar, muito depressa, é a Manuela Ferreira Leite. Na parte de cima do submarino está o PS e o Sócrates